
A MICROEMPRESA ANALISADA COMO UM SISTEMA ABERTO: UMA REFLEXÃO TEÓRICA

L. SOARES¹ e M. F. C. BANDOS²

Sessão Temática B:

Desenvolvimento local integrado, sistêmico e sustentável

http://www.pucpcaldas.br/graduacao/administracao/revista/artigos/esp1_8cbs/artigos_8cbs_2012.html

RESUMO

O artigo tem como objetivo propor uma reflexão teórica sobre a microempresa analisada como um sistema aberto tendo em vista discutir as dificuldades. Essa pretensão se justifica baseada na abordagem sistêmica proposta por Bertalanfy (1976) que parte do princípio que ao se analisar um sistema se deve considerar todos os elementos e suas interdependências, pois ao serem reunidos, constituem uma unidade funcional maior, desenvolvendo qualidades que não se encontram em seus componentes isolados. Com o impacto da globalização para o comércio das microempresas, é visto a importância de boas estratégias e novas formas de gestão, que fazem dessas organizações diferenciadas das demais. E dentro desse contexto, pretende-se a partir de uma abordagem sistêmica aberta verificar a interligação entre os agentes internos e externos de uma microempresa e Chiavenato (2003) ressalta que a organização é um sistema criado pelo homem e mantém uma dinâmica interação com seu meio ambiente, e influi sobre o meio ambiente e recebe influência dele. Dessa forma, a visão sistêmica apresenta condições para analisar tais ocorrências dentro e fora dessas organizações, sendo suporte para o seu crescimento e continuidade no mercado, além de promover o desenvolvimento local. Trata-se, portanto, de uma pesquisa exploratória baseada em dados secundários em que se propõe uma reflexão teórica do assunto.

Palavras-chaves: abordagem sistêmica, microempresas, gestão organizacional.

1 Introdução

O artigo tem como proposta central apresentar uma reflexão teórica sobre a importância da análise sistêmica aberta dentro das microempresas que visam sua permanência e crescimento no mercado, além de buscar uma melhor gestão a partir do conceito sistemas, colaborando para a eficácia das organizações.

¹ Larissa Soares – UNI-FACEF - bolsista CNPQ – PIBIC - – larasoares6@hotmail.com.

² Melissa Franchini Cavalcanti Bandos – Professora do Centro Universitário de Franca - UNI-FACEF - Pró-Reitora de Extensão Comunitária e Desenvolvimento - melissa@facef.br.

As microempresas, como o próprio nome enfatiza, são pequenas organizações que estão inseridas no ambiente, sendo elas geradoras de bens ou de serviços. Para sua permanência no mercado, elas necessitam de apresentar um diferencial, buscando inovações e formas de gestão diferenciadas. Visto que a competitividade é de grande proporção, e as demandas da sociedade são exigentes, as microempresas se mostram em algumas vezes enfraquecidas. Porém, algumas oportunidades são vistas para os novos empreendedores e para sua conquista no mercado e na economia onde se insere, para que possam adentrar nesse meio e promover o desenvolvimento, tanto interno, como externo.

Nesse complexo cenário deve-se responder: Quais as oportunidades e dificuldades em ser uma microempresa? Qual a importância de uma gestão organizacional? E qual a integração do ambiente com as microempresas para o crescimento e permanência de ambos? Assim, a abordagem sistêmica das microempresas permite considerar todos os elementos e suas interdependências, pois ao serem reunidos, constituem uma unidade funcional maior, desenvolvendo qualidades que não se encontram em seus componentes isolados.

Assim, visando atingir os objetivos propostos, o artigo foi escrito a partir de uma pesquisa exploratória baseada em dados secundários, com a intenção de, conforme explica Gil (1999), desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, visando a formulação de problemas mais precisos para futuras pesquisas.

Dessa forma, esse artigo encontra-se dividido por essa introdução, na seqüência, um referencial teórico que aborda os conceitos de sistemas, microempresas e gestão organizacional, posteriormente, a metodologia que esclarece o desenvolvimento da pesquisa, as considerações finais e as referências.

2 Referencial teórico

2.1 Abordagem sistêmica

Além de abordagem sistêmica, podemos conceituá-la como visão sistêmica (CAVALCANTI, PAULA, 2006) ou enfoque sistêmico. Dessa forma, Maximiano (2007) propõe que o ponto de partida para compreensão do enfoque sistêmico é a ideia de sistema.

A palavra sistema denota um conjunto de elementos interdependentes e interagentes ou um grupo de unidades que formam um todo organizado (JOHNSON, 1968, et al CHIAVENATO, 2003). O autor ainda ressalta que sistema é um conjunto ou combinações de coisas ou partes formando um todo unitário.

“Um sistema é um conjunto de elementos independentes em interação com vistas a atingir um objetivo” (DONAIRES, 2006, p 17). “Sistema é um todo complexo ou organizado; é um conjunto de partes e elementos que forma um todo unitário e complexo (MAXIMIANO, 2007).”

Da definição de Bertalanffy (et al CHIAVENATO, 2003), segundo a qual o sistema é um conjunto de unidades reciprocamente sito (ou objeto) e o de globalismo (ou totalidade). Esses dois conceitos retratam duas características básicas do sistema.

Chiavenato (2003) apresenta em seu livro um painel citando vários conceitos de sistemas:

- Sistema é um conjunto de elementos em interação recíproca;
- Sistema é um conjunto de partes reunidas que se relacionam entre si formando uma totalidade;
- Sistema é um conjunto de elementos interdependentes, cujo resultado final é maior do que a soma dos resultados que esses elementos teriam caso operassem de maneira isolada;
- Sistema é um conjunto de elementos interdependentes e interagentes no sentido de alcançar um objetivo ou finalidade;
- Sistema é um grupo de unidades combinadas que formam um todo organizado cujas características são diferentes das características das unidades;
- Sistema é um todo organizado ou complexo; um conjunto ou combinação de coisas ou partes, formando um todo complexo ou unitário orientado para uma finalidade.

Trazendo um melhor entendimento para abordar a situação de uma microempresa enquanto sistema, que será abordado em outro tópico, Chiavenato (2003), classifica os sistemas de acordo com sua natureza, fechados ou abertos:

1. Sistemas Fechados: Não apresentam intercâmbio com o meio ambiente que os circunda. Sendo assim, não recebem influência do ambiente e nem influenciam o ambiente.
2. Sistemas Abertos: Apresentam relações de intercâmbio com o ambiente por meio de inúmeras entradas e saídas. Os sistemas abertos trocam matéria e energia regularmente com o meio ambiente.

A ideia de sistema encontra grande receptividade em inúmeros campos de estudo. Sua utilidade para designar conjuntos complexos é notável e onipresente (MAXIMIANO, 2008). Bertalanfy (1976) foi um dos responsáveis por essa aplicação interdisciplinar ao propor a Teoria Geral de Sistemas (TGS).

A TGS em sua essência é totalizante, visa proporcionar princípios e modelos gerais para todas as ciências permitindo a eliminação de fronteiras e preenchimento de espaços vazios, chamados espaços brancos.

A TGS visa a formulação e derivação dos diversos princípios e leis, propiciando modelos usados em áreas diferentes do conhecimento. Assim, os princípios e leis podem ser transferidos de uma área para outra, descartando as analogias até então elaboradas e que eram o único meio disponível para o cientista transpor conceitos de um campo para outro.

Cavalcanti, 2006 , p.9

A figura 1 a seguir ilustra um sistema. Visualiza-se, portanto, os inputs, que são as partes, elementos ou componentes que dão entrada ao sistema. Após o processamento, isto é, a interação entres essas partes, surgem as saídas, também chamadas de outputs. Verifica-se na figura, que as saídas podem ser entradas do próprio sistema (via feedback) ou de outros sistemas, criando várias entidades. Essas entidades ao serem analisada em conjunto, formam um todo maior que a soma das partes.

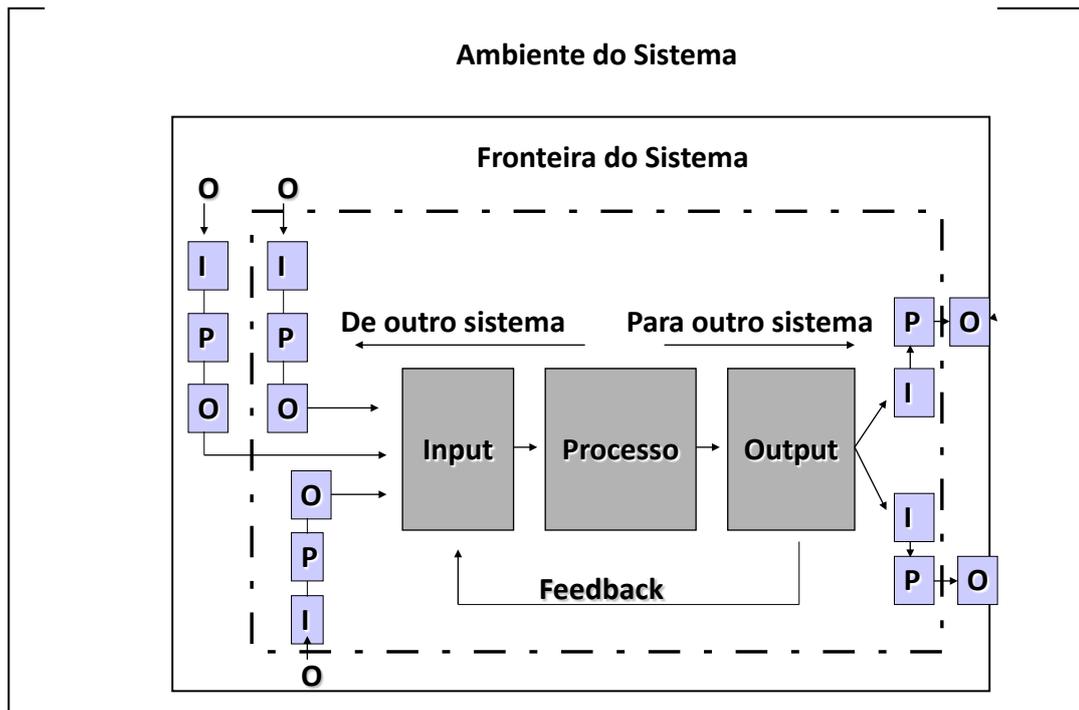


Figura 1 – Diagrama de Sistemas

Fonte: Schoderbek et al. (1990; apud CAVALCANTI, PAULA, 2006 , p.7).

Vendo que a abordagem sistêmica aborda a interação de elementos interdependentes, que ao se somarem formam um todo organizado, fica evidente a importância dessa visão geral em todas as áreas existentes. A partir dessa ideia, pode-se haver sua inserção dentro de organizações, buscando estruturar essas empresas de forma que elas consigam sobreviver a tantos desafios existentes. E dentro desse aspecto, destacam-se as microempresas, que ao buscarem um espaço no mercado, deparam com situações diversas, tópico abordado a seguir.

2.2 Microempresa

Os desafios do mundo globalizado requerem das organizações ajustes necessários tendo em vista sua sobrevivência. O mercado mais dinâmico e competitivo impõe a inovação como a melhor maneira de gerenciar e administrar seus negócios (CINTRA, SOUZA, CARRIJO, 2009).

Neste cenário, a microempresa ao inovar busca sobreviver e se diferenciar e assim cria certa identidade da região, comunidade.

As microempresas exercem uma importante função social de produtoras de bens e serviços e grandes geradoras de empregos são definidas em função dos efetivos de que dispõem e do seu volume de negócios ou do seu balanço total anual.

De acordo com os estudos levantados, há vários critérios para conceituar as empresas, dentre eles foi destacado o conceito de microempresa, com o critério utilizado pelo SEBRAE, conforme o número de empregados dentro da empresa, veja no quadro 1.

SETOR	SEGUNDO NÚMERO DE EMPREGADOS			
	MICRO	PEQUENA	MÉDIA	GRANDE
COMÉRCIO	Até 9	De 10 a 49	De 50 a 99	Acima de 99
SERVIÇOS	Até 9	De 10 a 49	De 50 a 99	Acima de 99
INDÚSTRIA	Até 19	De 20 a 99	De 100 a 499	Acima de 499

Quadro 1 – Classificação conforme o SEBRAE
Fonte: SEBRAE, 2009 apud CINTRA, SOUZA, CARRIJO, 2009.

Existe o critério da Lei Complementar 123/2006, alterada pela LC 128/2008 que aborda da seguinte maneira:

	RECEITA BRUTA ANUAL
MICROEMPRESAS	Igual ou inferior a R\$240.000,00

Quadro 2: Classificação conforme a LC no. 123/2006
Fonte: BRASIL, 2011.

É fato que as microempresas operam em diversos setores, estando cada vez em maiores quantidades no meio produtivo, no entanto, elas diferem enormemente em sua natureza e importância de um setor para outro. Existem aquelas que auxiliam as grandes organizações, ou seja, são responsáveis por produzir parte de um produto, por exemplo.

De acordo com o SEBRAE (APUD GUERRA NETO, 2007) a Lei Geral das MPE, estabelece condições especiais para Micro, especialmente no que se refere ao:

- a. Regime unificado de apuração e recolhimento dos impostos e contribuições da união, dos estados do Distrito Federal e dos municípios;
- b. Dispensa do cumprimento de certas obrigações trabalhistas e previdenciárias;
- c. Simplificação do processo de abertura, alteração e encerramento das Micro e Pequenas Empresas;
- d. Estimulo à inovação tecnológica;
- e. Incentivo ao associativismo na formação de consórcios para fomentação de negócios;
- f. Acesso ao crédito;

- g. Acesso ao mercado, inclusive quanto à preferência das aquisições de bens e serviços pelos Poderes Políticos.

A ideia do Super Simples originou-se da necessidade de unificar, dentro do possível, a complexa legislação tributária aplicável às MPE nos âmbitos Federal do Distrito Federal e dos Estados e Municípios (GUERRA NETO, 2007).

Com o novo Regime Tributário unifica-se o recolhimento de taxas, contribuições e impostos federais, estaduais e municípios (IRPJ, IPI, CSLL, Cofins, Pis/Paesp, ICMS, ISS e Seguridade Social) em uma única guia mensal. Está prevista a utilização de sistemas eletrônicos simplificados (base única de informação), disponibilizado para realização de cálculo, recolhimento e repasse de tributos para os entes governamentais (GUERRA NETO, 2007).

Antes da Lei Geral, o que vigorava era a Lei 9317, de 05.12.1996, que dispunha sobre o Simples Federal que atribuía alíquotas diferenciadas e recolhimento simplificado somente para impostos e contribuições federais (GUERRA NETO, 2007).

O objetivo da Lei Geral (GUERRA NETO, 2007) é criar condições para:

- a. Melhorar o acesso das microempresas aos mercados de créditos e de capitais;
- b. Reduzir os custos de transação e elevar a eficiência alocativa aos bancos;
- c. Estimular a concorrência entre as instituições financeiras;
- d. Melhorar a qualidade do conjunto informacional, em especial o acesso e a portabilidade das informações cadastrais relativas ao crédito;
- e. Atribuir aos bancos a responsabilidade pelo desenvolvimento de programas de treinamento, desenvolvimento gerencial e capacitação tecnológica voltadas para as microempresas, em conjunto com entidades representativas do segmento.

Os bancos deverão manter linhas de créditos específicas para MPE, devendo o montante disponível e suas condições de acesso serem expressos nos respectivos balanços, consignando, obrigatoriamente, as justificativas do desempenho alcançado (GUERRA NETO, 2007).

De acordo com (CINTRA, SOUZA, CARRIJO, 2009), é necessário conscientizar para o que está acontecendo no mundo e depois orientar as empresas com os modernos conceitos de gestão, assim as microempresas terão condições de competir como empresas globalizadas, e o importante é a cultura inovadora, pesquisa e desenvolvimento, gestão de tecnologia, marketing, desenvolvimento de pessoas, tecnologia da informação, etc. Dessa maneira, a microempresa destaca diante aos negócios, trazendo para seus gestores melhores rendas, uma maior oferta de empregos e aumento no desenvolvimento do local.

Abordado em uma pesquisa do Monitor Mundial do Empreendedorismo, realizada no final de 2011

diz que de cada cem brasileiros adultos, dezoito estão envolvidos de alguma maneira no estágio inicial de um novo negócio. A importância dos pequenos e microempresários pode ser medida pelo fato de que eles são responsáveis por 98% do número total de companhias registradas no país e por mais da metade dos empregos formais no setor privado. Ao todo, existem seis milhões de pequenas e microempresas formais no país. Mas o paradoxo da economia brasileira é que esses empreendedores possuem uma participação relativamente modesta no total da produção nacional. Essas companhias respondem por apenas 20% do PIB do Brasil. Na Alemanha e na Itália, por exemplo, as empresas pequenas são responsáveis por 60% da economia. (DALTRO; OYAMA, 2011).

A partir do crescimento de novos negócios, e visto que as microempresas são maioria nesse cenário, observa-se a necessidade de gestão inovadora e empreendedora dentro dessas organizações. Por esse conceito, a microempresa como um sistema aberto é capaz de aferir resultados importantes, ou seja, obtendo uma interação de seus componentes internos com seus componentes externos, espera-se ao final resultados que interfere de forma positiva para seu crescimento, tanto dentro da empresa, como no ambiente onde ela está inserida.

2.2.1 Microempresa como sistema aberto

Como já apresentado, o sistema aberto se caracteriza por um intercâmbio de transações com o ambiente e conserva-se constantemente no mesmo estado (auto-regulação) apesar de a matéria e a energia que o integram se renovarem constantemente (CHIEVENATO, 2003).

Há uma grande diferença entre sistema aberto e sistema fechado. O sistema aberto tem constante interação com o ambiente (sistemas biológicos e sociais – célula, planta, homem, organização, sociedade), já o fechado não interage com o ambiente (sistemas físicos – máquinas).

Chiavenato (2003) aplica em seus estudos que a organização é um sistema criado pelo homem e mantém uma dinâmica interação com seu ambiente, sejam clientes, fornecedores, concorrentes, entidades sindicais, órgãos governamentais e outros agentes externos.

Em busca de alcançar objetivos dentro da microempresa ou fora dela, o sistema aberto colabora para uma ligação harmoniosa. Com essa interação, fica viável para seus componentes internos atenderem às demandas vindas da sociedade, suprimindo as necessidades e adequando de acordo com o ambiente local. Em consequência é visto uma melhor estrutura, capaz de promover o desenvolvimento local e aumentando da economia da região.

Schein (apud CHIAVENATO, 2003), propõe alguns aspectos que a teoria de sistemas considera na definição de organização:

1. A organização é um sistema aberto, em constante interação com o meio, recebendo matéria-prima, pessoas, energia e informações e transformando-as ou convertendo-as em produtos e serviços que

são exportados para o meio ambiente.

2. A organização é um sistema com objetivos ou funções múltiplas que envolvem interações múltiplas com o meio ambiente;
3. A organização é um conjunto de subsistemas em interação dinâmica uns com os outros;
4. Os subsistemas são mutuamente dependentes e as mudanças ocorridas em um deles afetam o comportamento dos outros;
5. A organização existe em um ambiente dinâmico que compreende outros sistemas. O funcionamento da organização não pode ser compreendido sem considerar as demandas impostas pelo meio ambiente;
6. Os múltiplos elos entre a organização e seu meio ambiente tornam difícil a clara definição das fronteiras organizacionais.

Representando as microempresas, as organizações estão em constante ligação com o meio onde se insere. A abordagem sistêmica visa em proporcionar melhorias a essas empresas, então foi destacado o sistema aberto, que mostra claramente a importância da relação do meio interior com o exterior de uma microempresa. A interação constante de todos os elementos encontrados dentro das micros, com os elementos encontradas fora, proporciona aumento da renda local, diferenciação da região, crescimento e continuidade da organização, aumento da renda do gestor e de funcionários, oferta de emprego, além de atender adequadamente às demandas vindas da sociedade.

Buscando diversas melhorias dentro da microempresa a partir de um sistema aberto, é preciso que sua gestão esteja preparada para tomar decisões e implantar inovações, empreendendo de forma correta e evitando a falência da mesma. Para isso, a gestão organizacional se mostra importante nesse quesito, colaborando para sua eficácia. Com isso se vê gestões que buscam por um prisma sistêmico, a fim de suportar tantas dificuldades em ser uma microempresa, trazendo oportunidades para prosseguir da melhor forma.

2.3 Gestão organizacional

A palavra gestão tem o sinônimo de administrar ou gerenciar, dessa forma a gestão organizacional visa em administrar empresas acrescentando melhorias em seu desempenho. A palavra “gestão” entra definitivamente para o vocabulário, como uma ferramenta para tornar real a missão que está por trás da organização (DELATORRE; SILVA, 2001).

Como coloca Silva (2000, apud DELATORRE; SILVA, 2001) o cenário brasileiro aponta para a necessidade de as organizações construírem uma gestão eficaz, além de manterem acesos o compromisso e a paixão que as movem. O desafio da sustentabilidade envolve não só o levantamento e a adequada utilização de recursos financeiros; implica investir no desenvolvimento das pessoas que fazem parte da

organização, melhorar a qualidade dos serviços e adequá-los às necessidades das comunidades, buscar a adesão da sociedade à causa da organização e informar de forma transparente.

A gestão organizacional visa não só em atender as necessidades estruturais de uma empresa, mas também busca estar a par dos aspectos humanos e sociais dentro dela. Se concentrarem seus esforços nas relações entre aqueles que constituem a realidade empresarial e esquecer as demais variáveis, esquecerão pontos fundamentais no processo de diagnóstico (ARAUJO, 2007). O autor ainda cita Schein (1972 apud ARAUJO, 2007) dizendo que há interação entre organização e meio ambiente. Nesse sentido, a justificativa encontrar-se-ia no fato de que, para atuarem e sobreviverem em ambientes abertos e instáveis (meio ambiente), as organizações precisam de algum referencial estático em que se apoiarem. Esse referencial estático representado pela estrutura, preservam-nas da desagregação proveniente do ambiente em constante mudança (ARAUJO, 2007).

Afirma Schein que, da mesma forma que uma sociedade precisa desenvolver uma estrutura social composta de normas, leis, tradições e cultura, assim também necessitam as organizações proceder, de sorte a manterem ou encontrarem a estabilidade. Isso é feito, fundamentalmente, por intermédio da estrutura organizacional (ARAUJO, 2007), visto que o gestor organizacional precisa estar preparado para obter eficiência em seu trabalho, que procura ter uma visão geral do que se passa dentro da empresa.

Nesse aspecto as microempresas, na maioria das vezes, ficam enfraquecidas, e muitas chegam a falência, ou seja, por falta de preparação ou capacitação do gesto e de seus funcionários, a organização não tem suporte suficiente para enfrentar os problemas inseridos no ambiente, ficando em desvantagens as demais empresas.

3 Metodologia

Visando propor uma reflexão teórica sobre a microempresa analisada como um sistema aberto tendo em vista suas dificuldades usou-se metodologia compatível com a investigação proposta.

Assim, foi realizando um levantamento teórico sobre o assunto, baseando-se exclusivamente em dados secundários, pois a intenção foi trazer uma discussão preliminar dos temas, usando o enfoque sistêmico para permitir interpretações mais amplas e consistentes. Os temas microempresas e gestão organizacional fazem parte de uma pesquisa que está sendo desenvolvida pelas autoras por meio de uma bolsa PIBIC CNPq com o título: As Oportunidades e Dificuldades em ser Microempresa na cidade de Franca, e que é continuidade da pesquisa que foi realizada entre agosto de 2011 a julho de 2012 com o título: Políticas Públicas Municipais de Apoio às Micro, Pequenas E Médias Empresas na Cidade de Franca (SP).

Trata-se, portanto, de uma pesquisa exploratória qualitativa com a intenção de proporcionar ao pesquisador maior familiaridade com o problema em estudo, buscando torná-lo mais explícito dado a sua complexidade, permitindo a construção de hipóteses mais adequadas (VIEIRA, 2002). A ênfase dada nessa

pesquisa é na qualidade das entidades e nos processos e significados e não na quantificação dos mesmos em montantes, intensidade ou frequência (DENZIN; LINCOLN, 2000). Foi escolhida a pesquisa qualitativa como o método mais adequado, pois nesse momento a preocupação central é entender a natureza do fenômeno e não quantificá-lo.

Dessa forma, a abordagem sistêmica permitiu uma visão geral do assunto, ao se analisar as dificuldades dentro de uma microempresa como um sistema aberto e ao se considerar seus elementos e suas interdependências de forma conjunta, permitiu-se constituir uma unidade funcional maior, desenvolvendo qualidades que não se encontravam em seus componentes isolados, proporcionando material para pesquisas posteriores.

4 Considerações finais

Com objetivo de propor uma reflexão teórica tendo a microempresa analisada como sistema aberto visando discutir suas dificuldades, este artigo foi escrito como parte da pesquisa de iniciação científica que está sendo desenvolvida fomentada pelo PIBIC – CNPq desde agosto de 2011.

Como visto em estudos, as microempresas tem um papel essencial como prestadoras de bens e serviços. Elas se destacam no mercado e sua existência se faz importante. Numerosas no ambiente, as microempresas colaboram para a economia local, ajudando as grandes empresas, que dessa forma aumentam a oferta de emprego.

Porém, elas se mostram enfraquecidas, e muitas não estão preparadas o suficiente para enfrentar tantas dificuldades devido a grande competitividade.

Visto em estudos, as microempresas tem grande deficiência em sua gestão ou qualificação de seus funcionários, que não estão apropriados para atender as demandas vindas da sociedade e em algumas vezes falham na administração da organização, dificultando sua permanência no mercado. Essas dificuldades em adequar as ações dentro das microempresas, trazem sérios problemas ao seu crescimento, pois por falta de conhecimento de seus elementos internos, essas empresas ficam incapazes de se diferenciar diante as demais.

Com o intuito de se manter em continuo crescimento e permanência, é necessário que as microempresas estejam preparadas para enfrentar essas dificuldades. E essa preparação está principalmente em seus administradores, ou gestores, ou proprietários. Sua visão precisa estar abrangente, ou seja, esses colaboradores precisam estar por dentro sobre o que se passa no mercado, nas mudanças, tendências e inovações. E trazer para dentro dessas empresas tais conhecimentos, capacitando a empresa ao crescimento e desenvolvimento.

A influência do ambiente para a empresa e a influência da empresa para o ambiente é de extrema importância, pois a partir dessa relação, pode-se adequar a empresa para sua melhor estrutura, promovendo sua evolução continua, refletindo a tudo e a todos que estão a sua volta.

Dessa maneira, a abordagem sistêmica, que visa em abranger uma visão geral de determinado assunto e com a interação de todos seus elementos e quando somados forma uma só unidade, podemos chamar de sistemas, proporciona uma forma de melhor resolver os problemas e dificuldades encontrados dentro das microempresas. Vendo que as microempresas, na maioria dos casos, se encontram enfraquecidas e sem estrutura para um crescimento contínuo, a visão sistêmica pode trazer bons resultados, fazendo de seus negócios mais eficazes.

Essa pretensão fica evidente quando citado a figura 1, que ao se analisar as entradas dentro de um sistema, podemos substituir como as necessidades da sociedade, que entrando em um processo dentro da empresa, busca-se transformar o produto ou serviço de acordo com a demanda existente naquele ambiente. Representando as saídas, estão os resultados finais, que chegam até a sociedade, pelo menos na teoria, o que a sociedade exigiu. Assim, é visto a influência do ambiente para dentro da empresa, que apresenta tais exigências e as microempresas tendem a atender. Mas essa ideia, também é influenciada pelas outras empresas que se inserem em um ambiente competitivo, que ao se deparar com essa situação, as microempresas precisam estar preparadas para novas mudanças, se diferenciando no mercado, evitando a falência.

Verificou-se que com a finalidade de promover o crescimento e continuidade das microempresas, elas foram analisadas dentro de um sistema aberto, que proporcionou melhor visão nas dificuldades encontradas para chegar a determinadas soluções. Visto que essas empresas são importantes para o desenvolvimento geral de determinado local, e quando estão em constante presença com as dificuldades, elas ficam enfraquecidas, podendo chegar à falência. Porém essa interação do sistema aberto, ou seja, dos elementos internos com os externos, as microempresas ficam capazes de identificar a solução e implantar de forma viável para dentro de seus negócios, obtendo melhores resultados.

Referências bibliográficas

ARAUJO, Luis César G. de. Organização, sistemas e métodos e as tecnologias de gestão organizacional. São Paulo: Atlas, 2007.

BERTALANFY, Ludwig Von. Teoria Geral dos Sistemas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1976.

BRASIL. Lei Complementar no. 123/2006. Disponível em <<http://www.receita.fazenda.gov.br/legislacao/leiscomplementares/2006/leicp123.htm>> Acesso em 06.dez.2011.

CAVALCANTI, Melissa Franchini; PAULA, Verônica. Angélica. de. Teoria Geral de Sistemas I. In: MARTINELLI, D. P.; VENTURA, C. A. A. (Orgs). Visão Sistêmica e Administração. São Paulo: Saraiva, 2006.

CHIAVENATO, Idalberto. Introdução à teoria geral da administração: uma visão abrangente da moderna administração das organizações. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

CINTRA, Camila Freitas; SOUZA, Juliana Aparecida; CARRIJO, Rogério Messias. A gestão de MPME's na cidade de Franca e a efetividade das políticas públicas. Franca: Uni-Facef, 2009.

DALTRO, A. L.; OYAMA, E. As lições das vencedoras. In: Revista Veja. Editora: Abril edição 2245 Ano 44 n° 48, 30 nov. 2011.

DELATORRE, Rafael Martín; SILVA, Eduardo Marcondes Filinto da. Gestão e Estrutura Organizacional, 2001. Disponível em: <http://www.fundata.org.br/Artigos%20-%20Cefeis/02%20-%20GEST%C3%83O%20E%20ESTRUTURA%20ORGANIZACIONAL.pdf>. Acesso em 5 ago 2012.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna. Handbook of Qualitative Research. California: Sage Publications, 2000.

DONAIRES, Omar Sacilotto. Teoria Geral de Sistemas II. In: MARTINELLI, D. P.; VENTURA, C. A. A. (Orgs). Visão Sistêmica e Administração. São Paulo: Saraiva, 2006.

GUERRA NETO, Antonio Vieira. Lei Geral das Micro e Pequenas Empresas e sua importância para o desenvolvimento econômico. Franca: Uni-Facef, 2007.

MAXIMIANO, Antônio César Amaru. Teoria Geral da Administração: Da Revolução Urbana à Revolução Digital. São Paulo: Atlas, 2008.

VIEIRA, Valter Afonso. As tipologias, variações e características da pesquisa de Marketing. Revista da FAE, Curitiba, v.5, n.1, p.61-70, jan./abr. 2002.

VIEIRA, Valter Afonso. As tipologias, variações e características da pesquisa de Marketing. Revista da FAE, Curitiba, v.5, n.1, p.61-70, jan./abr. 2002.